

D. A. CARSON



CRISTO &  
CULTURA  
UMA RELEITURA

“Carson escreve de forma clara e precisa sobre a oportuna questão de como os cristãos devem interagir com a cultura. Extremamente preparado para escrever um livro como este, o autor expõe e derruba por terra diversos reducionismos que, segundo ele, afligem os cristãos. Não podemos reduzir a relação entre Cristo e cultura a um mero modelo (seja ele um modelo proposto por Niebuhr ou por qualquer outro). A leitura deste livro apurou minha compreensão do assunto. Por isso, aconselho você a comprá-lo e a lê-lo. Depois de ler, empreste-o a pessoas da sua igreja. E acabe com os reducionismos.”

**MARK DEVER**, pastor da Igreja Batista de Capitol Hill, Washington, D.C., e fundador do ministério 9marks.

“Não enfrentamos questão mais crucial nos dias de hoje do que a relação da igreja e do evangelho com a cultura contemporânea. O tratamento que Carson dá a esse tema é o mais equilibrado que conheço. Em vez de defender interesses próprios ou forçar algum paradigma, ele ouve atentamente às Escrituras e nos leva, por fim, a uma simplicidade apurada sobre a questão. Recomendo enfaticamente sua leitura!”

**TIM KELLER**, pastor da Igreja Presbiteriana Redeemer, Nova Iorque, e autor das obras A Cruz do Rei e O significado do casamento, publicados por Edições Vida Nova.



# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> .....	9
1. Como pensar a cultura: Lembrando-nos de Niebuhr .....	13
2. Niebuhr revisto: o impacto da teologia bíblica.....	37
3. Refinando cultura e redefinindo pós-modernismo.....	65
4. Secularismo, democracia, liberdade e poder.....	105
5. Igreja e Estado .....	131
6. Sobre agendas controversas, utopias frustradas e tensões contínuas.....	179
<i>Índice de assuntos</i> .....	199
<i>Índice de nomes</i> .....	203



## PREFÁCIO

Quatro considerações me impeliram a escrever este livro. Primeiramente, desde o dia de Pentecostes, os cristãos tiveram de considerar em profundidade a natureza de seu relacionamento com os outros. Logo os cristãos se multiplicaram, rompendo um número notável de barreiras raciais e sociais, formando uma igreja, uma comunhão, um corpo, que transcendia as categorias estabelecidas de império, etnia, língua e posição social. Mesmo dentro das páginas do Novo Testamento, os cristãos são instruídos tanto a ver o governo como algo ordenado por Deus quanto a ver pelo menos um governo específico como representante do anticristo. As brigas mais antigas *dentro* da igreja das quais se tem notícia em parte giraram em torno de diferenças culturais, a saber, injustiças que, na percepção de alguns, ocorriam no serviço prestado a diferentes grupos linguísticos. Deixando para trás as páginas do Novo Testamento, mesmo um conhecimento superficial da história da igreja revela uma diversidade inacreditável de situações em que cristãos se viram: em perseguição e no governo, isolados e dominantes, ignorantes e bem educados, muito distintos da cultura ao redor e praticamente sem nenhuma diferença dela, empobrecidos e ricos, zelosos na evangelização e inertes na evangelização, reformadores sociais e apoiadores do *status quo* social, desejosos da vinda do céu e esperançosos de que ele não chegue tão cedo. Todas essas possibilidades polarizadas refletem diferentes maneiras de autocompreensão *cultural*. É inevitável que, na maioria das gerações, os cristãos tenham ponderado quais *devam* ser suas atitudes. A minha voz é apenas mais uma nesta longa corrente de reflexão cristã.

A segunda razão que me levou a este livro é tão contemporânea quanto a primeira é universal. As comunicações imediatas de hoje em dia significam que, com apenas um mínimo esforço, cristãos ficam conscientes dos contextos culturais

extraordinariamente diferentes em que outros cristãos se encontram. Sabemos informações de cristãos em Serra Leoa, o país mais pobre da terra; também ficamos sabendo sobre cristãos em Hong Kong e em Nova Iorque. Observamos a igreja se multiplicar na América Latina, bem à vista de todos, e a observamos multiplicar-se na China, até certo ponto às escondidas. Testemunhamos a notável perda de consenso cristão em quase todas as partes da Europa Ocidental e vemos explodir o número de cristãos na Ucrânia e na Romênia. Lemos sobre cristãos presos no Irã, decapitados na Arábia Saudita e massacrados aos milhares no sul do Sudão, ao mesmo tempo que observamos a opulência de alguns bairros cristãos em Dallas e Seul. Numa aldeia de Papua-Nova Guiné, sentamo-nos com irmãos e irmãs semianalfabetos que estão aprendendo a ler e não conseguimos esquecer que seus avós foram canibais; sentamo-nos com os diretores de seminários e reitores de universidades cristãs, responsáveis por administrar sabiamente dezenas de milhões de dólares a cada ano. No passado, era mais fácil manifestar-se sobre a própria cultura sem fazer referência às culturas de outros, mas hoje em dia textos com enfoque tão restrito parecem ultrapassados ou então fazem o esforço consciente de alcançar apenas uma cultura — não têm nenhuma aspiração de oferecer uma visão mais ampla. Muitos dos artigos e livros que cristãos escreveram no passado para analisar a relação entre cristãos-que-vivem-numa-cultura-mais-ampla e não-cristãos-dentro-da-cultura-mais-ampla refletiam a particularidade do contexto cultural do autor. Dietrich Bonhoeffer não causa a mesma impressão que Bill Bright, e a maioria das pessoas ponderadas admitirá que suas próprias experiências influenciam bastante suas respectivas ênfases teológicas, em especial aquelas que dizem respeito à relação entre cristãos e descrentes. Se Abraham Kuyper tivesse crescido no ambiente dos campos de morte do Camboja,<sup>1</sup> supõe-se que suas ideias sobre a relação entre cristianismo e cultura teriam sido significativamente modificadas. Embora a análise cultural abrangente feita por H. Richard Niebuhr (sobre a qual falarei muito mais) vasculhe a história com o intuito de enriquecer a pesquisa, fica cristalino que até ela é na verdade a posição de um ocidental de meados do século, imerso na herança do protestantismo liberal da época. Hoje, porém, a enorme diversidade de experiências cristãs se impõe, mais do que nunca, diante dos nossos olhos. Suspeitamos tanto de análises superficiais, que parecem válidas em determinada situação cultural e se revelam patentemente irrelevantes em outras situações, que tentamos fazer apenas análises locais. Argumentarei, no entanto, que algo importante, algo transcendente, se perde com essa falta de coragem.

O terceiro impulso vem do “grupo de aconselhamento” — aquilo que algumas instituições chamam de “grupo pequeno” ou “grupo de capelania” ou “grupo de formação” — na Trinity Evangelical Divinity School [Escola de Teologia Evangélica Trindade], grupo cuja liderança Scott Manetsch e eu compartilhamos nos anos

<sup>1</sup>Ver especialmente Don Cormack, *Killing Fields, Living Fields* (Londres: Monarch, 1997).



recentes. Esse grupo continua a ser uma das minhas constantes alegrias pessoais, não apenas pelo privilégio de trabalhar com Scott, mas também por causa de todas as relações que se estabeleceram e, em certa medida, foram modeladas por esse grupo. Dois anos atrás, tivemos um pequeno módulo em que examinamos a questão sobre cristãos e cultura. É inevitável que um dos pontos de partida para a análise tenha sido a obra clássica de Richard Niebuhr. O debate que surgiu na ocasião me levou a trabalhar um pouco mais o assunto e a escrever umas poucas coisas em que eu já vinha pensando há algum tempo.

Por fim, um convite feito pela Faculté Libre de Théologie Évangélique em Vaux-sur-Seine [Faculdade Livre de Teologia Evangélica em Vaux-sur-Seine], situada nas imediações de Paris, para dar algumas palestras em um de seus colóquios teológicos serviu de incentivo para começar a pôr no papel, de um modo mais elaborado, aquelas notas que eu havia feito. Os dois primeiros capítulos deste livro foram apresentados em Vaux. Quero expressar minha profunda gratidão a Émile Nicole e aos demais membros do corpo docente — especialmente a meu velho amigo Henri Blocher — pela acolhida calorosa e acuidade na interação. Devo acrescentar que, embora tenha sido criado falando francês e ainda consiga falar francês fluentemente, faz tantas décadas que vivo fora do mundo francófono que não me sinto seguro para escrever francês na forma culta. Por isso, sou profundamente grato a Pierre Constant, ex-aluno de doutorado na Trinity (por sinal, alguém muito capacitado), por dar à versão francesa destes capítulos a beleza que possam revelar.

Muito embora a obra de Niebuhr *Cristo e cultura* tenha sido publicada há mais de cinquenta anos, é difícil, pelo menos no mundo anglófono, ignorá-la. Por bem ou por mal, a obra de Niebuhr deu forma a boa parte do debate. Mesmo as célebres distinções feitas por eruditos anteriores a Niebuhr — tais como a distinção que Weber faz entre “igreja” e “seita”, em que a igreja se coloca como parte da cultura, ao passo que a seita se coloca como algo contra a cultura — chegam a muitas pessoas por meio da obra desse autor. Por outro lado, durante os últimos cinquenta anos, houve muitos debates acalorados sobre o próprio sentido de “cultura”. Desiludidos com a arrogância de algumas pressuposições do Iluminismo, muitos escritores questionam tais pressuposições, levantando uma série de novas perguntas sobre a maneira como os cristãos — ou, nesse aspecto, qualquer outro grupo religioso — devem se ver na relação com a cultura que os cerca, visto que não podem fugir de fazer parte dessa cultura.

Neste livro, empenho-me inicialmente em apresentar um sumário de Niebuhr, já que ele se tornou um ícone a que todos se referem, embora hoje em dia quase ninguém o leia com a devida atenção. Com exceção de uma avaliação inicial do próprio pensamento de Niebuhr, tento em seguida estabelecer os rudimentos de uma teologia bíblica confiável que qualquer cristão estará disposto a reconhecer, e começo a mostrar como esses pontos decisivos na história da redenção devem moldar o pensamento

cristão sobre as relações entre Cristo e cultura (capítulos 1 e 2). As estruturas geradas por tal teologia bíblica são suficientemente robustas para permitir que as muitas e diferentes ênfases dentro das Escrituras encontrem expressão, de modo que falar de diferentes “modelos” da relação Cristo-e-cultura começa a parecer algo enganoso. Tal reflexão exige um exame mais profundo não apenas do que diz respeito aos debates atuais sobre “cultura” e “pós-modernismo” (capítulo 3), mas também de algumas das forças culturais dominantes de nossa época (capítulo 4). Uma das dimensões desse debate contínuo é a relação entre igreja e estado (capítulo 5). Esbocei as posturas culturais bem diferentes associadas com a noção de separação entre igreja e estado encontradas na França e nos Estados Unidos, olhando rapidamente para alguns outros países, de forma a poder detectar com mais clareza o tipo de lentes culturais que inevitavelmente trazemos à tarefa de ler as Escrituras, bem como perceber como é inevitável que até mesmo a aplicação equilibrada das Escrituras penda para um lado ou para outro em culturas diferentes. O último capítulo apresenta uma coletânea de tentações permanentes que os cristãos enfrentam quando elaboram essas questões. É uma tentativa modesta de forjar uma postura estável e flexível que não se deixa levar pelos vários cantos da sereia.

Várias pessoas leram o manuscrito e fizeram sugestões úteis. Sou devedor a Mark Dever, Tim Keller, Andy Naselli, Bob Priest, Michael Thate e Sandy Willson. Também expressei meus agradecimentos a Jim Kinney, de Baker Book House, que me deu acesso às provas tipográficas de dois livros que ainda eram inéditos, para que eu pudesse me beneficiar deles em meu próprio trabalho. A disposição costumeira de Andy Naselli e sua atenção aos detalhes se veem claramente na compilação dos índices. E, por fim, sou grato à equipe da editora Eerdmans pelo trabalho cuidadoso e eficiente durante o processo de publicação desta obra.

*Soli Deo gloria.*

D. A. CARSON

*Trinity Evangelical Divinity School*

# UM



## COMO PENSAR A CULTURA: LEMBRANDO-NOS DE NIEBUHR

**A**ntes de mergulhar no assunto, é melhor chegarmos a algum acordo sobre o que queremos dizer com o termo “cultura”.

Há pouco tempo, era comum a palavra “cultura” referir-se àquilo que hoje em dia designa a “alta cultura”. Por exemplo, podíamos dizer: “Ela fala com tanta cultura”. Alguém que conseguisse ler um desses pequenos livros de poesia de Shakespeare, Goethe, Gore Vidal, Voltaire e Flaubert, ouvindo Bach e Mozart, e bebendo um Chardonnay ao mesmo tempo, era alguém de cultura; alguém que lesse romances baratos de suspense, como Asterix e Eric Ambler — ou, melhor ainda, não lesse nada —, bebendo, ao mesmo tempo, uma cerveja ou uma Coca-Cola e ouvindo *ska* ou *heavy metal*, além de prestar atenção na tela do Xbox com o mais novo jogo violento, era alguém sem cultura. Todavia, esse entendimento do que é “cultura” tem, mais cedo ou mais tarde, de ser questionado por aqueles que consideram que a “alta” cultura ou cultura erudita é uma espécie de elitismo, algo intrinsecamente arrogante ou condescendente. Para eles, o oposto de “alta cultura” não é “baixa cultura” ou cultura ignorante, mas “cultura popular”, com seu apelo peculiar a valores democráticos. Até mesmo o apelo à “cultura popular” não é muito útil para nosso objetivo aqui, pois recorre a apenas uma parte da “cultura”: é de se presumir que também existam por aí diversas formas de “cultura popular”.

Hoje em dia, a palavra “cultura” se tornou um conceito bastante flexível que significa algo como “o conjunto de valores amplamente partilhado por algum subconjunto da população humana”. Não é uma definição ruim, mas sem dúvida alguma é possível melhorá-la, tornando-a um pouco mais específica. É provável que



## *Como deve ser a relação entre Cristo e a cultura? Esse é um questionamento universal.*

De cristãos perseguidos em vários cantos do mundo a outros que vivem em países de maioria cristã, passando por comunidades que se isolam do mundo em nome da fé, a igreja historicamente vem lutando para chegar à correta compreensão de como aplicar a fé ao contexto local.

Há anos diversos grupos envolvidos nesse esforço têm tentado encaixar-se em uma das cinco categorias propostas por H. Richard Niebuhr, em sua obra clássica sobre o assunto, *Cristo e cultura*: 1) Cristo contra a cultura; 2) o Cristo da cultura; 3) Cristo acima da cultura; 4) Cristo e cultura em paradoxo; 5) Cristo como transformador da cultura.

Em *Cristo e cultura: uma releitura* Carson faz uma crítica à proposta de Niebuhr e propõe um caminho mais ortodoxo, criterioso e bíblico. Sua obra fornece uma excelente visão a respeito de um tema tão debatido entre os cristãos.

Carson propõe uma solução unificadora. Lançando mão dos pontos decisivos do enredo bíblico, como a queda, o chamado de Abraão, a vinda do Messias, sua morte, ressurreição e segunda vinda, e a dádiva do Espírito Santo, o autor argumenta que, somente quando todas as categorias bíblicas são consideradas simultaneamente, é possível contribuir para o entendimento correto da cosmovisão cristã e suas implicações na relação diária do cristão com a política, as artes, a educação, e todas as demais áreas da cultura.